

3-2009

O outro como ponto de partida

Vera Mónica Duarte

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Duarte, V. M. (2009). O outro como ponto de partida. *Missão Espiritana*, 15 (15). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol15/iss15/11>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

o outro como ponto de partida

Quando se pede a um académico que fale num encontro/seminário normalmente espera-se que ele traga, para a discussão, as distinções e as definições conceptuais mais relevantes para o assunto em questão... e, em parte, é isso que me proponho fazer aqui... mas tendo consciência que a forma como olhamos, construímos e procuramos compreender os fenómenos têm na sua base a multiplicidade das nossas experiências. E as minhas, neste campo, são algumas... como diz Mia Couto "...quando conto a minha história me misturo, mulato não de raças, mas de existências" ¹

Esta frase de Mia Couto permite-nos desembocar precisamente no tema que nos reúne aqui hoje: falar em multiculturalidade e nos seus desafios para a sociedade e para a Igreja, desafios que passam pelo contínuo desenvolvimento de uma cultura de acolhimento, dentro da Igreja e da Sociedade, onde sobressaia o diálogo inter-cultural e inter-religioso que, enquanto garante de paz e de humanização do mundo, combata as formas de discriminação, exclusão, racismo e a xenofobia, ainda presentes em muitos sectores da sociedade.

Mas antes de continuarmos, permitam-me desfazer uma confusão conceptual simples, mas frequente: falar em sociedade multicultural não é a mesma coisa que falar em multiculturalismo.

» A sociedade multicultural é uma realidade. A multiculturalidade é um facto, relativamente ao qual não há que ser pró ou contra, mas aceitá-lo na sua inevitabilidade. É um traço caracteri-

* Docente na Faculdade de Ciências Sociais do Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa

¹ *Vozes anotecidas, Lisboa, Caminho, 1987, p.85*

"A multiculturalidade é um traço caracterizador das nossas sociedades e uma consequência da mobilidade humana"

zador das nossas sociedades e uma consequência da mobilidade humana, dos meios de comunicação de massa, ou de um processo de globalização marcado quer pela mundialização das expressões culturais, quer pela afirmação de identidades singulares.

Exemplo: algures no Médio Oriente alguns jovens podem estar vestidos com jeans, a beber coca-cola, a ouvir rap, entre as suas práticas religiosas virados para Meca; os ocidentais consomem milhões de carros, electrodomésticos, máquinas fotográficas japonesas; a 200 m da nossa casa podemos comer um McDonald, uma pizza, comida chinesa, turca ou brasileira, num clique transportamo-nos para qualquer parte do mundo... falamos com quem queremos, desde que esteja online...

"Aquilo que é diferente está cada vez mais perto de nós"

Aquilo que é diferente está cada vez mais perto de nós e esta situação tem-nos proporcionado vivências contraditórias na familiaridade e no estranhamento que temos com as coisas, com as pessoas e com as culturas diferentes.... Este movimento de homogeneização (potenciado pela globalização) tem aproximado culturas e é nesta proximidade e neste diálogo que têm surgido alguns problemas.

O que deveria ser positivo – que é a diversidade cultural – encontra-se ameaçada pela dificuldade em aceitar as diferenças. Uma realidade que não é de hoje, como todos sabemos: espelhou-se na escravatura, manifestou-se nos contextos colonialistas (e há quem defenda que vivemos hoje uma época de neo-colonialismo), verificou-se no apartheid na África Sul, no holocausto nazi, nas acções racistas de grupos como o Klu Klux Kan nos EUA, nos genocídios e nas limpezas étnicas.... (em diferentes contextos e épocas históricas).

Além de todos estes exemplos, não podemos descuar os preconceitos e práticas de discriminação rática e xenófoba, por exemplo nos espaços de imigração, como consequência do aumento dos imigrantes em número e em culturas, bem como da marginalização e não integração, quer das segunda e terceira gerações de imigrantes, quer de outros grupos étnicos (que não são imigrantes... como é o caso da comunidade cigana).

Neste contexto, é curioso notar que, se por um lado, os dados e os estudos têm indicado que a mão-de-obra estrangeira (qualificada e não qualificada) é crucial para o aumento do número da população activa, garante de sustentabilidade do mercado de trabalho e da segurança social e para o rejuvenescimento demográfico das populações... por outro lado, tem sido visível o eclodir de sentimentos racistas e xenófobos. São exemplo disso a expressão eleitoral dos partidos de extrema-direita ou as manifestações neo-nazis, cujo discurso é de hostilidade para com os imigrantes. Ou de formas menos organizadas, mas igualmente importantes, baseadas nos

receios da população autóctone que vêem as minorias étnicas e os imigrantes como o mal de todos os problemas sociais: são a causa da insegurança, do aumento da criminalidade, do desemprego (mesmo que os dados disponíveis nos mostrem que é “falsa questão”)... as contestações das segundas e terceiras gerações descendentes de imigrantes que continuam a lutar por uma integração digna na sociedade que acolheu os seus pais e os avós, mas que é a sociedade onde nasceram e onde vivem (exemplo distúrbios nas periferias de Paris, que continuam a fazer-se sentir). Sentimentos que tendem a ser mais fortes em cenários de crise e recessão económica e que influenciam, nitidamente, as relações inter étnicas e os processos de racização e etnicização de determinados grupos sociais.

» **O multiculturalismo é apenas um modelo**, ou um conjunto de modelos, que visa interpretar aquilo que entendemos por sociedade multicultural e dizer o que devemos fazer do ponto de vista político relativamente a essa diversidade. Mas para entendermos o desafio da política, devemos perceber o que se entende por diversidade cultural? Há pelo menos três acepções diferentes para o conceito de sociedade multicultural:

1. a existência de diferentes nações históricas, com uma língua própria e uma história distinta, na mesma comunidade política (ex. Espanha). Os estados europeus que melhor levaram a cabo a construção do Estado-nação nos séculos XIX e XX não deram azo a sociedades multiculturais.

2. Existência de diversas comunidades étnicas geradas pela imigração voluntária ou forçada. Neste sentido, os países europeus que há poucas décadas eram apontados como monoculturais passaram a ser multiculturais por via da imigração.

3. Acepção que expande o conceito de cultura até fazê-lo coincidir com minorias nacionais, sexuais e outras.

Para esta discussão vamos-nos concentrar na segunda acepção que nos fala da sociedade multicultural como sociedade poli étnica. Tem sido neste segundo sentido que as polémicas em torno da multiculturalidade percorrem a Europa.

Os vários modelos e experiências de multiculturalismo têm sido alvo e vítimas de alguns equívocos, principalmente a associação da política multicultural a uma expressão de relativismo absoluto onde tudo é possível e igual. Ora esta leitura é falaciosa, e porquê?

O projecto multicultural passa pela construção de uma sociedade inclusiva, uma sociedade que aceite e legitime a especificidade cultural e social das minorias, acreditando que os indivíduos e grupos se podem integrar plenamente sem perderem as suas especificidades; que dê oportunidades para a expressão e a manutenção

"O projecto multicultural passa pela construção de uma sociedade inclusiva, uma sociedade que aceite e legitime a especificidade cultural e social das minorias"

de elementos da cultura étnica, da religião, da língua; que garanta a ausência de desvantagens económicas ligadas a aspectos étnicos e potencie oportunidades de participar nos processos políticos, sem obstáculos do racismo e da discriminação.

Mas as experiências têm mostrado que esta política tem-se traduzido numa pluralidade de monoculturas separadas. Ora aqui encontramos o desafio e o factor crítico de sucesso do multicultural... *transformar-se em intercultural...* ou seja, construir as pontes que ligam essas diferentes realidades culturais, pontes onde se circulem efectivamente, pontes de diálogo.

Muito mais do que a simples aceitação do outro, numa sociedade intercultural a verdadeira “tolerância” [não como condescendência face ao outro, nem como mero reconhecimento da sua diferença] propõe o acolhimento do outro e a transformação de ambos com esse encontro, decorrendo daí o novo “Nós”, sempre plural. Essa é a riqueza da multiculturalidade – reencontrarmos e reconfigurarmos o fenómeno da mestiçagem, não como característica de momentos excepcionais da história das relações entre povos, etnias, culturas ou religiões, mas como tradução do que efectivamente são as pessoas, os povos, as culturas e, por que não dizê-lo também, as religiões.

Tem sido neste espírito que algumas acções, planos e declarações se têm desenvolvido:

» **Declaração da Diversidade Cultural**

Em 2001 a UNESCO eleva a diversidade cultural a categoria de “património comum da humanidade” – Com o 11 de Setembro torna-se visível uma nova realidade: ISLAMOFOBIA agravada com outros actos terroristas, especialmente no 11 de Março em Madrid. O medo de tudo o que vem do mundo islâmico trouxe consequências sem precedente no campo do diálogo inter cultural.

» **2008 – Ano Europeu do Diálogo Intercultural – *Iniciativa do Parlamento Europeu***

Esta oportunidade dada aos portugueses permite “dialogar mais e identificar-se” com as diferentes culturas e “perder o medo do desconhecido”.

» **Os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio**

A Declaração do Milénio, adoptada em 2000, por todos os 189 Estados Membros da Assembleia Geral das Nações Unidas, veio lançar um processo decisivo da cooperação global no século XXI – Objectivos a serem atingidos num prazo de 25 anos, nomeadamente:

"a verdadeira
“tolerância”
propõe o acolhi-
mento do outro
e a transforma-
ção de ambos
com esse encon-
tro, decorrendo
daí o novo
“Nós”, sempre
plural."

1. Erradicar a pobreza extrema e a fome
2. Alcançar a educação primária universal
3. Promover a igualdade do género e capacitar as mulheres
4. Reduzir a mortalidade infantil
5. Melhorar a saúde materna
6. Combater o HIV/SIDA, a malária e outras doenças
7. Assegurar a sustentabilidade ambiental
8. Desenvolver uma parceria global para o desenvolvimento

» **Grandes movimentos e Fóruns Sociais Mundiais**

Pretendem despertar o mundo para as questões da diversidade, do desenvolvimento e da cooperação, reafirmando a possível articulação das várias culturas num espaço identitário comum que é o espaço da solidariedade, da liberdade e dos direitos...

» **Iniciativas Locais, como por exemplo, a Feira dos Povos que se realiza em Braga**

Assim, e em jeito de conclusão, se assumirmos a proposta do multiculturalismo como um “projecto em construção” em que todos estamos implicados e todos podemos contribuir para a sua consolidação, através de um diálogo aberto e respeitador pautado pelos valores da cidadania e da justiça social, acho que concordamos com a expressão de Paulo Freire quando diz “O mundo não é, o mundo vai sendo...”

“O mundo não é, o mundo vai sendo...”